

MA

# O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

OUTUBRO

N.º 4

LISBOA

19—TYPOGRAPHIA RUA DO ARCO—19

(JUNTO A JESUS)

1866

6588

O PAQUETE DO TIPO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. CABRAL

QUINTA FEIRA



LISBOA

19—TYPOGRAFIA RUA DO ARCO—19

(CURTO A TERÇA)

1888



Compte

1875

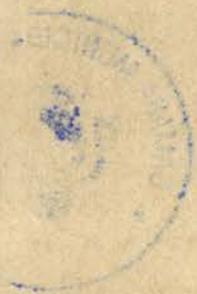
PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GARRAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GARRAL

ESTABLECIMIENTO DE LA FUNDICION DE LA PLATA



1875

ESTABLECIMIENTO DE LA FUNDICION DE LA PLATA

(M. J. GARRAL)

1875

## A DIVINDADE DE JESUS CHRISTO

### PROVADA PELOS PROPRIOS INCREDULOS

O mundo christão e a sociedade catholica tem levantado brados de indignação contra a impiedade que ousou negar a divindade do Redemptor.

Um dos philosophos que mais triste celebridade adquiriu no seculo passado por suas doutrinas anti-catholicas, proclamou aquella mesma divindade, exaltando o Evangelho em que ella se basea e demonstra.

Esse philosopho é João Jacques Rosseau, que effectivamente confessa e prova a divindade de Jesus Christo; mas ao mesmo tempo nega a realidade dos milagres com que o amantissimo Redemptor provou a sua missão divina na terra, e discute, para as combater, as profecias que annunciaram a sua vinda, a sua paixão, a sua morte e a sua gloriosa resurreição.

Que logica particular seria essa que affirma um facto depois de negar os fundamentos em que se basea?

Não nos devemos porém admirar d'isso, porque a contradicção é sempre a companheira inseparavel do erro.

Rousseau admittindo como unica a religião natural, sub-

mettia tudo ao criterio da razão, sempre fallivel, e frequentemente erronea. D'este modo confundia desgraçadamente o verdadeiro com o falso, não admittindo que a simples critica não póde alcançar a idéa revelada. O homem que escreve o que lhe dicta o coração, é distincto do homem que escreve o que lhe dicta o entendimento.

Passemos porê m ao que diz Rousseau sobre a divindade de Jesus Christo.

«A santidade do Evangelho falla ao meu coração. Os livros dos philosophos com toda a sua pompa são pequenos comparados com este. E' possivel que um livro tão sublime e ao mesmo tempo tão simples seja obra dos homens? E' possivel que aquelle de quem se narra a historia não seja mais que um homem? Fallaria assim um entusiasta ou um sectario ambicioso?

«Que doçura e que pureza em seus costumes! Que terno interesse nas suas instrucções! Que elevação nas suas maximas! Que saber tão profundo nos seus discursos! Que presença de espirito, que arte, congruência nas suas respostas! Que dominio sobre as paixões!

«Qual é o homem, qual é o sabio que póde ensinar, padecer e morrer sem fraqueza e sem ostentação?

«Quando Platão pintou o seu justo imaginario, cuberto de todo o opprobrio do crime e digno de todo o premio da virtude, descreveria por ventura passo a passo a Jesus Christo? A similhaça é tão evidente que todos os Santos Padres o affirmam.

«Socrates, morrendo sem dores e sem ignominia, sustentou sem exforço o seu character até á morte, e, se aquella morte não honrasse a sua vida, duvidar-se-ia se Socrates com todo o seu talento, fora mais que um sophista. Diz-se que fora elle o inventor da moral, mas outros muitos antes a praticaram.

«Aristides foi justo antes que Socrates dissesse o que era a justiça; mas aonde é que Jesus bebeu aquella moral elevada e pura de que elle só deu lições e exemplo?

«A morte de Socrates philosophando tranquilamente com os seus amigos foi a mais doce que poderia desejar; a de

Jesus, expirando no madeiro cruelmente atormentado, injuriado, escarnecido e amaldiçoado por um povo inteiro é a mais horriavel que pode imaginar-se.

«Socrates quando tomou o veneno abençoou, chorando, quem lh'o apresentava; Jesus no seu supplicio affrontoso roga por seus crueis verdugos. Se a vida e morte de Socrates são de um sabio, a vida e morte de Jesus são de um Deus.

«Seria o Evangelho uma pura invenção? Não, não é assim que se inventa, e os factos de Socrates de que ninguem duvida, estão menos provados que os de Jesus Christo.

«Isto não é mais que illudir a questão sem a resolver, e não póde conceber-se a combinação de muitos homens para inventar este livro, quando um só é o seu assumpto. Nunca os judeus poderiam usar d'aquelle estylo e d'aquella moral; e o Evangelho tem um tão pronunciado caracter de verdade, tão evidente e tão inimitavel, que o seu inventor seria mais digno ainda de admiração que o seu heroe.»

Estas palavras eloquentes que n'um d'aquelles momentos em que a força da verdade afoga a voz do espirito do sophisma, saindo da penna do philosopho de Genebra, parece revelarem que Deos para o triumpho da sua santa causa, permite que ás vezes os mesmos homens inficcionados pelo erro, deem excellentes testemunho da divindade do Salvador do mundo e da santidade da sua doutrina.

Rousseau, que se separára solemnemente da egreja catholica, não teve por isso bom acolhimento dos protestantes, que o perseguiram com o encarniçamento até ao ponto de pôrem em risco a sua vida. Esta circumstancia prova que os periodos acima transcriptos não foram o resultado da abjuração dos seus erros.

Muito mais modernamente, o allemão Strauss, na sua vida de Jesus Christo, pretendeu mostrar que a doutrina evangelica não era mais que um mytho philosophico, que uma fabula, em que scencontravam compiladas idéas e preceitos pertencentes a diversas epochas, deduzindo d'aqui que Jesus Christo jámais existira, e que os evangelhos eram pura invenção humana.

Para serem consequentes consigo mesmo os defensores d'esta doutrina, deviam começar por negar do mesmo modo a existencia de Mafoma, a de Luthero, a de Calvino, a de todos os fundadores de suppostas religiões e as dos chefes de todas as seitas. Não o fizeram nem o fazem, porque todos lhes provariam o absurdo, respondendo a seus desvarios com a gargalhada do desprezo.

A existencia de Jesus Christo está pelo menos tão provada como a existencia d'esses mesmos homens, mas nem é este o logar proprio para uma demonstração, nem ella é precisa, escrevendo, como escrevemos este artigo, para ser lido por catholicos. Outro é o nosso fim, e esse é fazer notar como a propria negação é um testemunho da divindade de Christo; porque de outra maneira a evidencia dos factos teria de os obrigar a reconhecer em Jesus Christo a essencia divina.

Outro allemão, Schleirmacher, para chegar a semelhante fim, tomou differente caminho. Não admittiu as prophecias do antigo testamento nem os milagres do novo, mas atterrado das consequencias que podiam provir da sua propria obra, exclama: «Felizes os nossos paes que criam como homens simples e leaes. O que n'isso poderia perder a historia, ganhava-o a religião.»

Este era, a seu pezar, o grito da consciencia em luta contra o temerario orgulho, e contra a presumptiva altivez do philosopho incredulo.

Nós porém, que nos prezamos com o nome de christãos, que seguimos com fé inalteravel a doutrina do Salvador, que acreditamos na sua divindade porque a luz do Evangelho nos allumiou o entendimento, nunca pretendemos suppor que a fraca razão humana possa escalar o céu; mas se acreditarmos esta mesma razão, com o auxilio da graça, não temos precisão de mais cousa alguma para oppor com exito a verdade ao erro. Auxiliada por Deos o seu triumpho é seguro, por mais que a impiedade lance a sua pestifera peçonha contra a santa doutrina de Christo e contra a igreja por elle fundada de que somos fieis e amorosos filhos.

Unamo-nos pois a esta piedosa mãe para rogar ao Senhor que illumine os desgraçados que sustentam tão más doutrinas entre os fieis, dissipando-lhes as trevas do entendimento para que conheçam a verdade. A misericordia divina está sempre disposta a abrir os braços aos que se arrependem.

SOCIEDADE DE CREDITO

Comunicação

Dado no numero antecedente que a Sociedade de credito...  
proposo ao publico a seguinte: a saber, que se ha de estabelecer...  
para o beneficio da sociedade de credito de credito...  
o pagamento de cada um dos...  
O decreto de 27 de Outubro de 1864 que trata...  
comprou, e a prazo de seis annos...  
tudo o que se ha de estabelecer...  
estas mesmas condições...  
pueda ser especial que...  
e o pagamento de cada um...  
a qual dos...  
muitas...  
directa ou indirectamente...  
razões...  
faz...  
caso...  
com...  
Tem...  
tar...

## SOCIEDADES DE CREDITO

(Continuação)

Disse no numero antecedente que além das obrigações prediaes ao portador e nominativas, havia tambem as obrigações municipaes de que mais adiante trataria; é chegado o momento de assim o cumprir.

O decreto de 25 de Outubro de 1864 que creou esta companhia, e approvou os seus estatutos, authorisa no numero 3 do art.º 5.º a effectuar empréstimos ás municipalidades, mesmo sem hypotheca predial, com tanto porém que preceda lei especial que auctorisae a consignaçaõ de um rendimento ou imposto certo e determinado ao reembolso integral dos mesmos empréstimos, e que os capitaes assim mutuados se destinem a trabalhos tendentes a beneficiar directa ou indirectamente o solo ou a promover os melhoramentos agricolas.

Estas disposições porém não inibem os municipios de fazer transacções de mutuo sobre os seus predios, e n'este caso não precisam da lei especial, seguem a ordem geral como qualquer outro particular.

Têm portanto os municipios a vantagem dupla de levantar capitaes a longo praso, isto é, por espaço de 60 annos,

ou sobre immoveis, ou simplesmente sobre a lei obtida dos corpos legislativos, que os authorise a destacar uma parte dos seus rendimentos, ou mesmo a lançar um imposto para pagar as annuidades dos emprestimos que contrahirem n'esta companhia, e parece incrivel que á sombra de tão benefica instituição, ainda até hoje só se tenha apresentado uma proposta d'uma municipalidade!

Deixarão os municipios de ter em que empregar capitaes em obras productivas nos seus districtos?

Não fallo nas obras de luxo, porque essas são secundarias, fallo das obras cardeaes de que tanto carece este paiz. Não comprehenderão os cavalheiros que administram as diferentes municipalidades, que empregar dinheiro em obras precisas, que são tantas fontes de receita quantas forem as mesmas obras cardeaes que fizesem?

Caminhe-se por este nosso paiz e veja-se, que, a não ser pelas estradas principaes, e n'essas mesmas ainda se encontra tropeço, as vizinhaes e de comunicação interna estão em tal estado que mal se póde caminhar, e não seria de grande utilidade que os municipios tratassem de se comunicar entre si facilmente, tanto na parte interna como na parte externa que os ligasse á estrada principal?

Existem ignorados entre brenhas e penhascos fructos tão apreciaveis que se as boas communições dessem lugar ao seu trajecto de certo teriam as honras da primazia, e seus donos os proventos de gloria e pecuniarios que esses mesmos fructos occasionarião.

Será desnecessario que os municipios tratem da illuminação nos seus districtos, aquelles que ainda a não têm, por isso que se vai a terras bastante povoadas, que não mencionarei os seus nomes para não escurecer mais o negro quadro das miserias, e que nem um só candieiro existe, andando-se de noite ás apalpadellas pelas ruas?

Julgo que esta não é obra de luxo.

Será tambem desnecessaria a construcção de chafarizes e fontes, nas differentes terras que ainda não os têm?

A evidencia nos mostra a sua utilidade.

Muitas mais obras uteis e necessarias poderia apontar,

porém, como eu n'este artigo não me proponho a fazer o elenco d'ellas, só tratarei de fugida das mais principaes.

Agora pergunto, ignoram por acaso as municipalidades que existe a companhia Geral de Credito Predial Portuguez, com as portas abertas a todas as transacções que se lhe apresentarem?

Não foi publico no Diario de Lisboa, folha official do Governo, o decreto e estatutos d'esta companhia?

Não tem sido annunciada por diversas vezes, e em todos os periodicos do paiz a existencia d'esta mesma companhia e suas funcções?

Então que somno, que indolencia é esta, que se apoderou de quasi todas as vereações para tratarem sériamente dos beneficios materiaes do paiz com tão pequenos sacrificios?

Acordem por uma vez, e não venham dizer, não temos rendas: não se póde admittir esta reflexão, façam o primeiro emprestimo na porporção da parte minima que possam destacar dos rendimentos, e melhoradas as condições do terreno devem melhorar as condições da receita; e fazendo successivamente este movimento de rotação, dentro em pouco as rendas se augmentarão, e os municipios estarão floridos, garridos, ebrios de vida e vigor; podendo depois tratar das bellezas e do luxo que tambem é vida e distração.

Já em um dos meus artigos antecedentes disse o modo como qualquer proprietario levanta um capital, destacando uma porção das suas rendas, para com esse capital augmentar o seu predio; applico portanto a mesma doutrina e exemplo aos municipios: podem gradualmente ir levantando capitaes, empregando-os lenta, e successivamente em melhoramentos, porque á proporção que esses melhoramentos se forem operando, podem tambem ir augmentando as suas rendas sem vexame do povo, antes a seu aprazimento.

São portanto unicas e exclusivamente destinadas ás operações municipaes as obrigações creadas com este mesmo titulo, para distincção das que foram creadas para as transacções prediaes.

Nada mais direi sobre este ponto porque julgo que todos os cavalheiros que compoem os diferentes municipios do paiz têm bastante patriotismo para se dedicarem ao bem estar de sua patria e que d'ora ávante não descurarão por mais tempo dos interesses geraes e particulares dos seus respectivos concelho.

Tenho dado uma idéa do que é esta companhia, quaes os seus fins, utilidade, fórma e maneira de se fazerem os mutuos, e a especie de moeda com que a companhia realisa os seus contractos; falta agora fazer algumas considerações sobre o seu regimen e administração, o que ficará para o numero seguinte.

F. T. PINTO FURTADO.

(Continúa.)

## COLONIAS

(Continuação)

Dadas graças ao Deus dos exercitos e das victorias, e accrescentado o nome da Villa de S. Paulo de Loanda, que se ficou chamando de *S. Paulo da Assumpção de Loanda*, por ser no dia da Assumpção, 15 de agosto, que tão insigne victoria foi alcançada, tratou logo Salvador Corrêa de Sá de acabar de expulsar os hollandezes de toda aquella costa, e da dos reinos de Benguella e Congo, fazendo arrazar as fortalezas, que por elles haviam sido levantadas nos portos de Pinda e Loango.

O rei do Congo foi castigado por haver trahido a alliança jurada á corôa de Portugal, e teve de lhe ceder a ilha de Loanda. A rainha Ginga tambem recebeu o merecido castigo.

O nome de Salvador Corrêa de Sá era ouvido com respeito em todas aquellas partes, onde firmou de modo inabalavel o dominio portuguez. Convencido de que melhor do que por outros quaesquer meios, por via da religião podia conseguir-se civilisar os indigenas, e tornal-os bons amigos dos portuguezes, estabeleceu a missão de Cahenda dos Ca-

puchinhos italianos, nas terras do Dougo, a qual prestou muitos e muito relevantes serviços não só á igreja, mas tambem ao estado, e em geral á humanidade. Salvador Corrêa, tendo reprimido e escaumentado duramente os piratas, e posto em pratica convenientes regulamentos policiaes, recolheu-se ao seu governo do Rio de Janeiro. O nome de Salvador Corrêa ficou até hoje venerado. A camara de Loanda, em testemunho de agradecimento e respeito, lhe fez uma honrosa doação por escriptura de 6 de agosto de 1650.

A Salvador Corrêa succedeu Rodrigo de Miranda Henriques (1651), e a este Luiz Martins de Sousa Chichorro (1655). Ambos estes governadores tratavam de conservar a herança recebida de Salvador Corrêa, e de a accrescentar.

Governou depois Angola o famoso restaurador de Pernambuco João Fernandes Vieira (1658). Durante o seu governo houve paz, e prosperou o commercio. Os piratas foram castigados severamente, e foram punidos com igual severidade dois Sovas, que pretenderam levantar-se, e faltar á obediencia jurada ao sceptro portuguez. Durante o governo de João Fernandes Vieira foi estabelecida a missão de *Bango-Aquitamba* dos carmelitas deszalços, que prestou, como as demais, grandes serviços á religião, civilisação e á humanidade.

André Vidal de Negreiros, companheiro de Vieira em Pernambuco, e heroico defensor do Maranhão, succedeu a Vieira em 1662. Durante o governo de André Vidal teve logar a celebrada victoria alcançada pelo glorioso capitão Luiz Lopes de Sequeira sobre o rei do Congo, e o seu mui poderoso exercito. Escrevem os contemporaneos que o exercito do Congo era de 100:000 homens. O de Luiz Lopes compunha-se de 400 portuguezes, e 6:000 negros frecheiros, e duas peças de artilharia. O rei do Congo perdeu a vida, pelejando valentemente. A victoria foi alcançada no 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1666.

Foi feliz o governo de André Vidal, que se desvelou em promover o bem dos povos; e, chegando-lhe a noticia de

que em Madrid havia o projecto de fazer uma tentativa contra Loanda, a fortificou com tanta diligencia, e de tal arte, que a côrte de Madrid desistio da empreza.

A desgraçada nomeação de Tristão da Cunha (1666) para successor de André Vidal, fez este mais lembrado e mais saudoso. Tristão da Cunha, demais de desleixado, e pouco respeitador da moral e da justiça, era homem violento e arrebatado: em poucas semanas excitou contra si geraes e fundados queixumes. Teve logar então uma perigosa sedição popular e militar, e Tristão da Cunha foi expulso de Loanda antes de ter completado cinco mezes de governo. O Senado da camara de Loanda, cheio de serios receios de que a sedição se convertesse em anarchia, usou da maior prudencia, e conseguiu evitar a guerra civil.

Por boa fortuna pouco se demorou a chegada de Francisco de Tavora (1670), e com ella tudo aquietou. Homem naturalmente reflectido e prudente, com quanto moço, em breve conciliou os animos, ganhou as vontades, tornou-se bemquisto, e se fez obedecer e respeitar.

No principio do seu governo teve logar um desastrado acontecimento, que muito, e com razão, o magoou. O capitão João Soares de Almeida, encarregado de castigar a rebellião do conde do Sonho contra o nosso alliado rei do Congo, resistindo aos conselhos dos praticos e mais experimentados, mettu-se por entre desfiladeiros, onde foi de subito atacado, tendo de largar, para salvar-se, artilheria e bagagens ao inimigo.

Este máo successo animou, como era de prever, o proprio rei do Congo a rebellar-se; mas contra elle mandou logo Francisco de Tavora o celebrado capitão-mór Luiz Lopes de Sequeira, o qual zombou dos ardis inimigos, e derrotou completamente no dia 29 d'Agosto de 1671, e aproveitando-se do momento feliz, marchou contra a sua côrte e principal fortaleza, as famosas *Pedras de Pungo da dongo*, de que se apoderou no dia 18 de Novembro do dito anno de 1671. A mortandade foi immensa, e a victoria completa, apesar de se reputar inexpugnavel a fortaleza das Pedras. O rei do Dongo, desesperado, precipitou-se de

um dos rochedos, e seus dous irmãos ficaram presioneiros. As possessões do rei vencido foram encorporadas no dominio portuguez, e foram convertidas no *Presidio das Pedras Negras*, um dos melhores da dependencia do governo de Angola.

Com este grande feito de armas ficou segura desde então a conquista dos reinos de Angola e Benguella. Por muito tempo reinou a paz, e Ayres de Saldanha (1676), e João da Silva e Sousa (1680), successores de Francisco de Tavora, tiveram tão somente de reprimir e impôr opportuno castigo a alguns sovas do Libollo, e a outros. Estes successos foram de pouco momento, sendo-o de maior para o commercio a fundação do presidio de *Caconda*, ao Sueste de Benguella, onde chamam hoje *Caconda Velha*. Este presidio tendo sido destruido pelo Jaga Caconda no tempo de Luiz Lobo da Silva, successor de João da Silva e Sousa, o Jaga foi totalmente desbaratado, e os seus, tendo-o desamparado, avassallaram-se á corôa de Portugal. O presidio foi transferido para melhor local, e ali se conserva ainda hoje.

Foi prospero o governo de D. João de Lencastre (1688), durante o qual continuou a fortaleza de S. Miguel, e foi fechado todo o seu recinto com parapeitos de terra batida. Tambem durante este governo se reedificaram as fortificações dos differentes presidios. O capitão João de Figueiredo, refreou e debellou em 1689 os Guissamas que se tinham rebellado.

No tempo de Gonçalo d'Alcaçova Carneiro (1691), que substituiu D. João de Lencastre, recebeu o castigo que merecia a inesperada rebeldia do dembo de Ambuila, e dos dembos de Guibuca e Cabonda seus alliados.

Angola prosperava, porém o ocio da prosperidade tinha gerado vicios perigosos para a paz e futura boa sorte da conquista. Francisco de Tavora teve de castigar com severidade a conspiração dos pardos contra os brancos, prestes a romper em Massangano. No exercito manifestaram se symptomas assustadores de desobediencia e sedição, que muito custaram a apasiguar e desvanecer ao governador João da

Silva e Sousa. No tempo de Gonçalo de Alcaçova foi formal a desobediencia da guarnição de Massangano, que recusou marchar contra o dembo de Ambuila; mas a sedição acabou sendo punidos os cabeças de motim, e dispersos os soldados pelos differentes presidios.

Em fim governando Henrique Jacques de Magalhães, no fim do anno de 1694, os soldados pagos da guarnição de Loanda sublevaram-se, não querendo que o pagamento de soldo, que se lhe fazia até então em pannos do paiz, o fosse na moeda de cobre, que pela primeira vez fôra mandada do reino para correr em Angola, com o que todavia lucravam os soldados. O motim foi suffocado, e foram arcabuzados cinco dos principaes cabeças.

Foi tranquillo o governo de Luiz Cesar de Menezes, que terminou com o seculo 17.º, sendo rendido por Bernardo de Tavora em 1700. Luiz Cesar fez respeitar o nome portuguez, derrotando e destruindo inteiramente as forças do sova Hionuba, que se atrevera a ir sobre o presidio de Caconda em 1698. De ordem e por diligencia d'este governador foi construido um vasto armazem á prova de bomba dentro da fortaleza de S. Miguel.

Do governo de Tavora nada consta que mereça especial menção, a não ser a coroação do rei do Congo, que fôra eleito pelos tres senhores principaes da sua côrte. O padre Francisco de Pavia foi o encarregado por B. de Tavora de fazer a coroação conforme as ordens expedidas de Lisboa.

Depois da morte de B. de Tavora (1702) governou o senado da camara, que se houve com prudencia e zelo. Continuaram as obras da fortaleza de S. Miguel, e começavam as que tinham por fim tornar mais ampla a do Penedo. Tambem começou a edificação do hospicio de Golemgo para os capuchinhos italianos. Durante o governo da Camara (1704) alguns corsarios francezes atacaram de improviso a povoação de Benguella e a roubaram e queimaram.

D. Lourenço d'Almada, que tomou posse do governo em 1705, manteve a boa ordem e tranquillidade em toda a

provincia; favoreceu efficazmente o commercio, e adiantou as obras da fortaleza de S. Miguel. A bateria da Cassanolama, começada nos ultimos tempos da administração do Senado da Camara, foi promovida com diligencia, e quasi ultimada.

Durante o governo do seu successor Antonio de Saldanha d'Albuquerque Ribafria (1709) foi reedificada a cidade de Benguella, que fôra destruida pelos corsarios francezes; e foram soccorridos os sovas da Quissansa nossos allia-dos contra outros sovas inimigos d'elles e nossos. Com o nosso auxilio os sovas da Quissansa obtiveram assignalado triumpho. A cidade de Loanda foi posta em respeitavel estado de defeza.

D. J. DE L.

(Continúa)

## VICTOR HUGO

Victor Hugo nasceu em Besançon em 1802. As suas publicações poeticas mais notaveis são: *Odes*, *Odes et Ballades*, as *Orientaes*, e as *Folhas do Outono*.

A nossa epocha, com a indecisão de suas doutrinas, a immobilidade e a indiferença de suas crenças, a sua equivocada moralidade, o desdem pelo passado, o inconsequente ardor de seus desejos, suas temerarias innovações, seus esquipaticos caprichos, seus arrosos monstruosos, seus sonhos sublimes de loucura, encontram-se até certo ponto nas inspirações do colossal poeta.

O seculo XIX póde dizer que Victor Hugo é o seu verdadeiro filho, e jámais poeta algum se isolou menos de turbilhão dos homens e das cousas... Quando soltou os seus primeiros cantos, quando a sua lyra bafejada pelo anjo melancolico da inspiração preludiou os hymnos das suas esperançosas crenças, o poeta adorava ainda os deuses de sua mãe.... *Sa mère, pauvre fille de quinze ans, en fuit à travers le bocage, a été une brigande comme madame de Bonchamps et madame de la Rochejacquelm.* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Prefacio das Folhas do Outono.

Depois, grande foi a transformação operada nos apaixonados e sinceros sentimentos do seu coração... As doutrinas litterarias do poeta, apenas o tem desviado das suas crenças politicas. Já nas suas primeiras composições deixava entrever o arrojado da sua phantasia, inquieta e impaciente por allar-se a mais altas regiões.

O auctor das *Orientaes*, revelou-se no seu primeiro livro das *Odes*. Então o seu genio era atrevido, mais tarde tornou-se critico; ensaiava as suas forças, espantado talvez da sua propria audacia.

Hoje, chefe da nova eschola litteraria, as suas obras tem um não sei que de systhematico que tira á sua inspiração bastante da sua frescura e belleza idyllica. Desde muito tempo que a litteratura *tirée au cordeau*, como elle diz, lhe revoltava o pensamento; mas não reconhecia em ninguem o direito de lhe dizer: *Tu viendras jusque la, et tu n'iras pas plus long!* e inclinava-se ante o gosto, o bello, o ideal, *que n'est autre chose que l'autorité en litterature...*

Collocado pelo seu talento, em face da nova eschola, Victor Hugo, não tem cessado de nos espantar pela audacia do seu pensamento, de nos atterrar pela sua temeridade, de nos deslumbrar pelos brilhantes relampagos do seu genio. Seu estylo tem ganho em pittoresco o que perdeu em correção. Sua imaginação não tem recuado ante obstaculo algum: o inferno poz á sua disposição as mais sombrias côres, o ceu os mais risonhos quadros; multiplicando os contrastes, reaproxima e confunde os extremos do bello e do hediondo, do sublime e do extravagante. Por mais que faça vibrar nas almas uma fibra desconhecida á sensibilidade, pouco lhe importa que seja tocando-a com a asa de anjo ou com o gripho do demonio. Arrojado nas suas odes gracioso nas suas balladas, extravagante e magnifico em cada pagina das *Orientaes*, conscio ao mesmo tempo dos anjos e dos gnomos, repugnante pela negrura dos seus quadros, poeta nos seus enlevados delirios, seductor pela graça das suas perfumadas flores que vai colher a mysteriosos oasis, quem pôde dar uma idéa precisa do phantasmagorico talento de V. Hugo? Algumas vezes, ao lel-o, amaldiçoaes o

poeta que pesa sobre a vossa imaginação como um *cauchemar* no vosso peito durante um somno penível; voltai a pagina: eis ahí um d'esses sonhos *dourados*, sonhos côr de rosa, que só o ceu lhe concede, e vereis que as visões do inferno desapparecem, dissipam-se como átomos que o sol esvac. <sup>1</sup>

As *Folhas do Outono* são, a nosso ver, a mais bella, a mais completa e a mais seductora e sentimental collecção lyrica de V. Hugo. Mas ha ahí uma negra nuvem de scepticismo no coração do poeta que nos causa uma lenta impressão d'espanto... A escada luminosa que o filho do patriarcha sonhára, e que o Christo mediador realisou sobre a cruz, não existe já para o poeta: um não sei que de funebre sopro a apagou. Eil-o ahí feito nomade, interrogando os ventos, a pedir o segredo do perfume ás flores, á luz das estrellas, a inclinar-se do alto dos rochedos para medonhos abysmos, a exigir a palavra da criação ao mugido dos grandes rios, ou ao borburinho das florestas agitadas pela rajada hybernal; a natureza, para elle, é melhor, mais generosa do que o homem; encontra no bramir das vagas do oceano uma harmonia que lhe parece um canto exhalado d'uma harpa eolia em comparação da voz das gerações que vão pouco a pouco perder-se na bruma do tumulo: o oceano, ó grande poeta, não tem senão pacificas e inspiradas melodias, e a humanidade só a lugubre poesia do estertor das suas affeições? Fallar assim é descrever da redempção... é, triste é desolador! e por isso o teu espirito se revolta, como tu dizes,

.....Avec un cri terrible,  
E'bloui, haletant, stupide, épouvanté!

Sim, é isso o que te faz soltar esses gritos d'agonia selvagem, em logar dos serenos canticos que outr'ora preludivas com a aguia sagrada de Pathmos, com a aguia transfigurada de Dante no seu paraíso. <sup>2</sup>

F. D'ABREU MARQUES.

<sup>1</sup> Veja Mr. du Colombier. *Revue provinciale*, tome 6.º

<sup>2</sup> Sancte Beuve, — *Critiques et portraits litteraires*.

## O CREPUSCULO DA TARDE.

Hora triste e suave!... eil-a tão pura!...

Vem trazer-me a final inspiração!...

Mostra um ponto entre o berço, e a sepultura  
n'essa luz, e nas trevas da amplidão!...

Oh! solemne crepusc'lo! eu te saúdo!

Seinpre grato assomarte aos olhos meus!

De silencio e de paz, hora de estudo

ao mortal que se ergueu pensando em Deus!

Traze á mente aureos dias, tantas glorias  
e venturas dos tempos que passei!

Vem unir ás do bem crueis memorias  
da amargura do Calix que exgotei!...

E co'os lumes, que somes no infinito

leva um *ai* da minh'alma ao Creador!

Sombra é o mundo, ante o espirito constricto  
que se eleva aos reflexos do Senhor.

D. ANTONIO PUSICH.

## EXTRACTO DO DIARIO DE UM POBRE VIGARIO

### NA PAROCHIA DE WILTSHIRE

15 de dezembro de 1764

Recebi hoje do reitor Schnart dez libras da minha congrua por este semestre. Este dinheiro que ganhei com tanto trabalho não me custou menos a obtel-o.

Depois de hora e meia de espera na ante-sala glacial do reitor, consegui a final que me mandasse entrar. Estava mui commodamente sentado n'uma poltrona, proximo á secretária. O dinheiro fôra antecipadamente contado. Ás minhas profundas cortesias só respondeu com uma leve inclinação de cabeça. Ha muita dignidade nas suas maneiras e nunca pude approximar-me d'elle sem respeito e sem receio. A minha emoção não seria tão viva, se entrasse no proprio palacio do rei.

Não se dignou convidar-me a que me sentasse, sabendo que n'aquella manhã andára tres leguas a pé e com mau tempo, acrescendo a circumstancia de ter estado hora e meia á espera na casa de entrada, sem que houvesse uma cadeira em que me sentasse para descanso das minhas pobres pernas. Tudo o que fez foi apontar-me para o dinheiro.

Faltára-me o animo para rogar-lhe, como tencionára, um augmento de ordenado. Memoria, voz, e expressões tudo me fugira a um tempo, e o suor innundava-me a fronte.

—Quer mais alguma cousa? perguntou-me a final com voz atterradora.

—Está tudo tão caro, e mal se póde viver com honorarios tão diminutos, me atrevi a dizer.

—Honorarios tão diminutos! Sabe, senhor vigario, o que acaba de dizer! Por quinze libras tenho quantos vigarios queira!

—Quinze libras, não digo que assim não seja, senhor reitor; mas é preciso que esse vigario não tenha familia. Assim, póde ser que isso lhe baste.

—Mas eu creio que a sua familia não augmentou. Não tem sómente duas filhas?

—Sim, senhor; mas os annos passam. A minha Jenny tem já desoito annos, e Poly está completando doze.

Tanto melhor: já podem ganhar dinheiro pelo trabalho.

Queria responder a esta observação, mas elle não me deu occasião para fallar, porque levantando-se, dirigiu-se para a janella e poz-se com os dedos a tocar tambor nos vidros, dizendo-me:

—Não tenho hoje tempo para o attender. Veja se lhe serve a continuação do seu logar por quinze libras, e dê-me a resposta. Se lhe não contentar a minha proposta desejarei que obtenha melhor collocação para o anno proximo futuro.

Acompanhou estas palavras com uma saudação, despedindo-me, e eu apressei-me a metter o dinheiro na algibeira, recommendando-me á sua benevolencia.

Fiquei como petrificado: nunca me fizera recepção nem despedida tão fria, e por isso não duvidei de que era victima de alguma calumnia; pois nem me convidou para o almoço, como era costume. E eu contava com isso: tinha saído de casa muito cedo e em jejum. Comprei um pãozinho ao primeiro padeiro que me appareceu, e voltei para casa a chorar como uma creança, regando aquelle pão com as minhas lagrimas.

Então, Thomaz, não te envergonhas do teu desanimo? Não confias na Providencia? Não seria trinta vezes peor se tivesse perdido o meu logar? Cinco libras mais ou cinco libras menos, que é isso? Emfim, com algumas economias, tudo se ha de arranjar.

16 de dezembro

Começo a crer que a minha Jenny é um anjo! A sua alma tem ainda mais belleza que o seu corpo, e effectivamente é trinta vezes muito mais animosa do que eu proprio.

Hontem á noite não tive valor para dizer a minhas filhas, quanto me succedêra. Disse-lh'o hoje, e a minha Jenny, que ao principio me ouviu com tristeza, recobrou a sua alegria habitual, e disse-me:

—Isso não é motivo para o pae se affligir.

—E não tenho razão bastante para isso, minha filha?

—Não, meu pae; não deves affligir-te por tão pouco.

—Mas, querida filha, como poderemos satisfazer todas as nossas dividas? Confesso que não sei o que hei de fazer! Temos precisão de tanta cousa... Quinze libras para que chegam? Apenas para nos alimentarmos, e isso mesmo sabe Deos como.

Em vez de responder-me, a minha Jenny abraçou-me com meiguice, dizendo-me:—Deos não nos ha de faltar.

Polly veio sentar-se nos meus joelhos, cubriu-me de caricias e assim me fallou:

«Meu pae, vou contar-lhe um sonho que tive esta noite. Sonhei que estavamos no primeiro dia do anno, e que o rei com toda a sua côrte nos batia á porta e pedia hospitalidade; e o mais é que não tendo nós cousa alguma que lhe offerecessemos, mandou elle que lhe trouxessem o jantar para nossa casa, sendo servido em pratos de ouro, tocando fóra os tambores e clarins. De repente um pagem chega-se ao papá e appresenta-lhe sobre uma almofada de damasco uma mitra bordada a ouro e pedrarias. Approximou-se tambem o rei e poz-li'a na cabeça. O papá recebeu-a muito alegre, e foi então que Jenny me veio accordar, e fiquei

muito enfadada. Mas este sonho, papá, é presagio de algum acontecimento feliz para o anno bom; esperemos, pois que só nos faltam quatorze dias.

—Minha filha, os sonhos são sonhos e nada mais.

—Os sonhos, Deos é que os envia, papá.

Confesso que não creio em sonhos; mas tomo nota d'este para ver se é um signal de consolação que o Senhor me envia. E que motivo ha para que o anno novo nos não traga alguma felicidade?

Estive fazendo contas todo o dia. Aborreço as contas. O calculo e a contagem do dinheiro quebram-me o casco. Tenho um vacuo no coração e sinto uma grande dor de cabeça.

17 de dezembro

Paguei todas as minhas dividas á excepção de uma unica, pelo que dou muitas graças a Deos. A sua importancia foi de sete libras e onze schlings, e por conseguinte só me restam duas libras e outros onze schlings.

E' me impossivel comprar as calças pretas que vi em casa do alfaiate, e que me fazem bastante falta. Ainda que já usadas, o seu preço modico tentava-me. Jenny tem ainda mais necessidade de um vestido. Tenho muito dó d'esta pobre menina, vendo-a sair tão ligeiramente vestida e com um frio tão intenso como o que estamos soffrendo. Polly que se contente com o vestidinho que a irmã lhe compoz, e é preciso acabar com a assignatura do periodico que pagava juntamente com o visinho carpinteiro. Isto custa-me muito porque aqui ignora-se completamente o que se passa no mundo. Acabo de ler que nas ultimas corridas de cavallos o duque de Cumberland ganhára o premio de 5:000 libras... E' na verdade admiravel esta passagem da escriptura—«Ao rico ser-lhe-hão augmentados os bens.»—Deveria accrescentar-se — «e aos pobres diminuir-se-ha o pouco que tem.»

Mas, nada de esmorecer, Thomaz, e porque havia eu desanimar? Por não poder ler um periodico? Loucura!

18 de dezembro

Somos muito felizes no meio da nossa miseria. Jenny arranhou um bom vestido por pouco dinheiro; entende mais de compras do que eu. E' verdade que chamma mais a attenção de todos pela doçura da sua physionomia. Tornou a voltar o prazer para a nossa casa. No primeiro dia do anno é que Jenny quer estrear o seu vestido. Polly continúa a tirar mil prognosticos desta circumstancia. Aposto que o dey de Argel não ficou mais contente com o magnifico poesente de relógios guarnecidos de diamantes, de pistolas com cronhas de ouro, e de vinte mil sequins!

Jenny diz que a despeza do vestido deve sahir da quantia destinada para a nossa sustentação, e diz bem; por conseguinte d'aqui até janeiro nada de carne

O carpinteiro meu visinho, é um excellente homem. Disse-lhe hontem que não podia continuar a pagar a assignatura do periodico por me ter o reitor diminuido a congrua, e querem saber o que elle fez? Apertou-me a mão e disse-me que o havia continuar a ler, ainda mesmo não pagando. Nada de desesperos: ha no mundo creaturas muito melhores do que as julgamos, e estas encontram-se mais entre os pobres que entre os ricos.

No mesmo dia á noite

O padeiro não tem sentimento algum de humanidade. Nada lhe devo e todavia quando Polly foi esta manhã buscar o pão e lhe disse que estava mal feito e queimado, fez tal barulho, que parava gente á porta para observar. Disse-me depois que não nos fiava mais coisa alguma, e que fôssemos tomar o pão a outra parte. Polly veiu para casa a chorar e muito nos custou o consola-la.

Não sei porque via, e com que fundamento, chegam a cada hora más noticias. Falla-se na vinda de um novo vigario nomeado pelo reitor, o que seria para mim um golpe mortal. O marchante parece que sabe alguma coisa de positivo a este respeito, pois mandou cá a mulher para me dizer que

as suas circumstancias não lhe permittiam dar-me mais carne senão com o dinheiro na mão; mas isto mostrando-se para commosco muito affável e muito benevola, fazendo grandes protestaões de estima e amizade. Aconselhou-nos que nos dirigissemos a Colslewod para a compra das nossas fracas provisões, dizendo-uos que era homem abastado e que mais facilmente nos poderia abonar.

Não quiz dizer a esta boa mulher o como aquelle usurario se portára commosco em o anno passado, vendendo-nos a carne mais cara, por isso que, dizia elle, era necessario tirar interesse do seu dinheiro, visto esperar pelo pagamento um anno inteiro.

Não tenho hoje mais que quarenta e dois schlings, e como obterei o sustento, se todos recusam acreditar-me fiando-me os generos precisos por tres mezes? E, se é certo o reitor ter nomeado outro vigario, então eu e minhas filhas ficaremos ao desamparo! Paciencia.

19 de dezembro, pela manhã

Accordei hoje muito cedo e puz-me a pensar no que deveria fazer em tão triste situação. Lembrei-me de Zlinnig, primo abastado que tenho em Cambridge; mas os pobres não tem parentes. Se para o anno novo se realisasse o sonho de Polly, e eu fosse, por conseguinte, bispo, metade dos habitantes da Inglaterra, se eu assim o quizesse, seriam meus parentes.

Deliberei-me pois a escrever e seguinte carta ao reitor Schnart, e pessoalmente a fui levar ao correio.

Dizia assim:

«Escrevo-lhe, senhor reitor, cheio da maior consternação por se dizer aqui geralmente, que já está nomeado o meu successor.

«Ignoro se este boato tem fundamento, ou se é o resultado da conversa que tivemos ultimamente.

«Desempenhei sempre com zelo o logar que me foi confiado. Ensinei a palavra de Deus, não ha queixas contra mim, e a minha consciencia não me accusa de uma só falta.

Pedi humilde e respeitosamente a v. s. um pequeno augmento de salario e a resposta foi uma diminuição.

«Confio a minha sorte ao seu bondoso coração. Servi o seu antecessor por espaço de dezesseis annos e meio, tenho cincoenta e os cabellos começam a alvejar. Sem relações, sem protectores, e sem esperança de outra collocação, só em v. s. confiamos para nos podermos alimentar. Se v. s. me retira o seu apoio não terei outro remedio senão mendigar.

Minhas filhas, já crescidas, exigem, apezar da mais stricta economia, maior despeza. Jenny serve de mãe a sua irmã. É ella quem faz todo o serviço da casa, não temos criada, é minha filha quem varre, cosinha, lava e cose até os nossos sapatos, e eu sou ao mesmo tempo padeiro, carpinteiro, jardineiro, e vou ao matto buscar a lenha precisa para nos aquecermos.

«Deus tem usado até agora de muita misericordia conosco, porque temos gosado saude, mas em caso de doença não teriamos com que satisfazer a medico e botica.

«Minhas filhas inutilmente se tem offercido para servir, cozer e engomar para fóra, e não encontram trabalho, porque aqui todos são pobres e se remedeam como podem.

«Já nos era custoso o viver apenas com vinte libras, e seria grande infelicidade a redução a quinze, mas tenho confiança em Deus e peço a v. s. que me livre de tanta afflicção.»

Depois de escrever esta carta ajoelhei e pedi a Deus que tivesse bom resultado, indo em seguida escrever um sermão sobre as alegrias da pobreza. Quando o disse na egreja tanto me dirigi aos meus parochianos como a mim proprio, e neste discurso encontrei grande consolação para os meus pezares.

(Contiua.)

## SIGURD RING

(Lenda do norte)

A vida de um grande rei, de um esclarecido guerreiro, não deve acabar como a vida simples de um aldeão. A existencia de cada homem é uma historia, um romance com tanto interesse, para o leitor, como a fôrça das scenas que se deram na sua vida. Ora, cada lenda do norte é um drama, uma tragedia, e segundo as leis d'estas deve o acto final ter mais fôrça que os antecedentes; além d'isto a conclusão plena, aquella, que embora deixe o espirito fatigado, estende o manto por sobre o ultimo quadro, é a morte: mas a morte d'um rei que lidou no campo da batalha, colhendo virentes louros, que tingiu a sua espada por mais de uma vez no sangue dos inimigos, não deve ser a morte como de qualquer pobre homem, que morre prosaicamente. A um guerreiro das vagas do norte não se deve consentir que deixe este mundo senão como um heroe de tragedia. É isto o que confirma cada lenda, é isto o que mostra o ultimo quadro da vida de Sigurd Ring.

Depois da peste de Brovalla da qual foi victima Harald Hildetant, seu filho Ejsten Beli foi governar a Suecia em-

quanto Sigurd Ring na companhia de sua formosa esposa, Alphild, filha do rei de Bolmslan, ficou governando a Dinamarca.

Sigurd Ring era um dos mais exforçados guerreiros do seu tempo; seu filho Ragnar participava das mesmas qualidades civicas do pae.

Diversas batalhas, diversas guerras attestavam o seu valor: Gunnar e Hogne, dois valentes reis das terras de Tysk lá o affirmam; o rei de Tyska, Gjukungar, que tinha a seu lado um valente heroe, Fafnisbana, conhecido em muitas sagas pelo seu desmedido valor, tambem o confirma; tudo, tudo mostra evidentemente que o nome de Sigurd Ring deve ser proferido com respeito; porque a sua espada nunca sahiu em vão da sua bainha.

Mas os annos tem amortecido no seu animo esse ardor, esse impeto, quasi feroz, com que antes empunhava a espada e envergava o escudo. Agora só exercitar Ragnar nas lides das batalhas é o seu extremo cuidado, ou então assistir ás festas dos povos circumvisinhos, ás quaes é sempre convidado como um rei tão respeitavel e temido.

A uma notavel festa na Noruega o acompanhamos agora. Dois reis Alf e Inge são os que o mandaram convidar. É uma festa brilhante não só pela magestade com que se exforçam os dois reis a appresental-a; mas, e isto principalmente, porque todos anhelam os momentos em que possam contemplar a formosa Alfsol, <sup>1</sup> irmã dos reis da Noruega.

A sua formosura, os encantos do seu rosto, a meiguice do seu olhar tem captivado centenares de corações. Sigurd Ring contempla aquella admiravel belleza, mas, pobre rei! embora endurecido nas guerras, e encanecido pelos annos, o seu coração não póde ficar mudo ao olhar eloquente de Alfsol. O amor algema-lhe as faculdades intellectuaes, toma posse do seu espirito, lança-lhe uma venda á rasão e fal-o

<sup>1</sup> Alf ou Elf, nimpha; sol é a mesma palavra que em portuguez: com a notavel differença de pertencer ao genero feminino. A lua, para compensação, pertence na lingua sueca ao genero masculino.

quebrar o seu orgulho de rei, a dignidade que os seus annos reclamam pedindo a Alf e Inge a mão de sua irmã.

—Não, proferem os irmãos de Alfsol!—Nossa irmã tão formosa, a flor dos nossos encantos, a virgem tão admiravel pela sua belleza, a rival de Freya, <sup>1</sup> de Signe, <sup>2</sup> de Ingéborg, <sup>3</sup> ligada a um homem a quem o inverno da existencia despiu de todos os encantos, a um homem em que a doçura do amor, e a ternura não podem ser mais que um delirio! não, mil vezes não!

—Não, não, murmurou tambem Sigurd Ring cavernosamente. No seu peito são agora tres as paixões que luctam. Amor e orgulho. Pobre rei. O amor, taça do ouro em que na mocidade libamos o mais dulcissimo nectar, para Sigurd Ring não é agora mais do que uma taça de ferro a trasbordar de veneno.

Alfsol no seu quarto chora tambem a infelicidade de ser tão bella, e medita na sorte de seus irmãos.

Ring é um guerreiro poderoso, seu filho Ragnar é legitimo herdeiro das suas virtudes civicas, a paixão tem desordenado a sua rasão; em breve, pois a guerra não tardará a desolar aquelles sitios. O seu negro presentimento é confirmado. A guerra começa com todo o ardor das pelejas encarniçadas. Ring appresenta-se poderoso.

Alf e Ing lançam-se á arena do combate.

Ragnar, que sente nas veias correr o sangue de Ruig, mas animado pelo calor da mocidade, mede a sua espada com as de ambos os irmãos. O pae de Ragnar contempla-os cheio de agitação. Se Ragnar vence, fica victorioso; se baqueia aos golpes dos seus contrarios, elle correrá então sobre Alf e Inge como o leão enraivecido, e a cholera lhe dará novas forças ao seu braço de guerreiro e a victoria tambem será certa. Mas quem póde escapar aos golpes da espada do valente moço? Tão certos são elles que poucas

<sup>1</sup> A deusa da formosura e virgindade na mythologia scandinava.

<sup>2</sup> Hagbard e Signe, lenda.

<sup>3</sup> A extremecida de Hyalmar, filha do rei Ane.

horas bastam para que os dois jovens reis noruoguezes fiquem em terra sem um alento de vida. Então Ring abraça o filho com íntimo orgulho, e depois rapido como o relampago atravessa o exército inimigo, que mudo contemplava os cadaveres de Alf e Ing; penetra na habitação e corre loucamente em busca de Alfsol para a estreitar em seus braços, para unil-a ao coração, para gosar pela fôrça o que o encanto dos seus annos já não podia conquistar. Alfsol, porém, receando cahir no podêr de Ring, contemplou toda a scena da batalha, tendo na sua mão um veneno. Apenas viu seus irmãos cahirem exanimés, preferiu morrer na flor dos annos a viver sob a oppressão de Ring. Antes a morte do corpo do que a do coração.

Sigurd Ring, pois, ao entrar no quarto de Alfsol, ficou como petreficado. Aquelle thesouro de formosura que vinha para buscar, já não pode ser d'elle. Alfsol tem nas faces a palidez da morte, está fria, inerme, os olhos cerrados e para sempre, os labios mudos sem que possam proferir mais uma unica palavra.

Finalmente aquella belleza tão admirada, tão querida, aquella virgem tão formosa, não é agora mais do que um cadaver. E Sigurd Ring, que lucha immensa não lhe vae a alma? Que remorso tão íntimo não lhe dilacera o coração! Contempla-a emmudecido, e depois á maneira do rei Hake transporta aquelle precioso despojo para um navio, e tirando a sua espada cravou-a no seio, para que a morte ao menos o podesse ligar áquella que lhe inspirou uma paixão tão funesta.

E assim morreu Sigurd Ring, succedendo-lhe seu filho Ragnar.

COSTA GOODOLPHIM.

## TÃO TRISTE...

Eu não sei que mago encanto  
Póde haver, de paraiso  
Nas scintilantes collinas;  
Não sei se alli ha boninas,  
Ou dos rios o dorso liso,  
Se alli póde ouvir-se o canto  
Das avesinhas nos ninhos  
A fallarem dos carinhos  
Do prazer do seu amor;  
Mas em Cintra ha tudo aquillo!  
O seu longo panoramma  
Pede o pincel d'um Murillo,  
Que as densas ondas de rama  
Possa na tella imitar.  
Tudo que a mente sonhar  
De formosura e belleza  
Vem alli a natureza  
Com cuidado concentrar!  
Do bello, que alli diviso,

Este fim traduzi já:  
 Ou é Cintra o paraíso...  
 Ou paraísos não ha!

N'aquella viva belleza  
 D'onde s'expande o prazer  
 Não ha possivel tristeza!  
 Das aves as molodias  
 E os mil perfumes das flores  
 No campo dos Seteaes,  
 Nos inspiram alegrias,  
 Romances, versos, amores,  
 Epopeias sem rivaes!  
 Nem creio, que haja tristura,  
 Que no ambiente suave  
 Da branda temperatura  
 Se não desfaça em sorrisos!  
 Aquelles valles tão longos,  
 Aquelles prados tão lisos  
 Entre agudas penedias,  
 São como tepidos dias  
 De viçosa primavera,  
 Entre as noites generosas  
 Que embalsamam co'os perfumes  
 Que a mão da brisa lhes dera  
 Depois de os roubar as rosas!

N'uma tarde... era d'aquellas  
 Que em Cintra mais lindas são!  
 No recondito d'um valle  
 De rica vegetação,  
 Que ornavam flores singellas,  
 Vi, d'entre as dobras d'um chale  
 Surgir, corôa ao composto  
 Do mais elegante busto,  
 Um bello... mas triste rosto  
 De formosura louçã,  
 Como nas hastes do arbusto

Aspira a purpurea rosa  
A fresquidão da manhã.

Era bella! mas tão bella,  
Que o sol folgava com gosto  
De refulgir na singella  
Madeiza dos seus cabellos  
Com os seus raios mais bellos!  
Mas que tristeza no rosto!  
Era a rosa sem perfume  
Que um ardente sol d'agosto  
Folha por folha crestára  
Sem lh'escutar um queixume!  
Era o lyrio desbotado  
Com a corolla pendida  
A despedir-se da vida...  
Do tufão que o derrubára!  
Era a silphede dos ceus!  
Que no seu olhar divino  
Nos dizia um casto hymno,  
Hymno que dizia: Deus!

Vi-a de longe, parada  
Junto d'uma arvore frondosa  
A' sombra d'esta abrigada.  
A suave côr da rosa  
Não coloria o seu rosto  
Em que se lia o desgosto;  
E assim era tão formosa!  
Que pura imagem! dir-se-ia,  
Que a palpebra aveludada  
Com mil receios erguia!  
Os supercilios cerrados  
Indicavam meditar  
Em sonhos talvez fanados  
N'um precoce despertar!  
Na ruga ao canto do labio  
Que a dôr põe com dura uão,

Gravado um sello se lia  
Das pennas do coração!

O brilhante astro do dia  
Sumindo-se no horisonte  
Lentamente s'escondia,  
Só doirava o topo ao monte  
Com um seu mais frouxo raio.  
Era já quasi sol posto.  
Nasceu-me então o desejo  
D'ir, sem lhe turbar o pejo,  
Perguntar, que occulto e vario  
Sentimento, no seu rosto  
Lançára o longo sudario  
Que lhe cobria as feições;  
Se as intimas impressões  
Que o recondito sacrario  
Lhe continha, eram romance,  
D'aquelles que gera o mundo  
Com seu estoicismo frio.  
Mas acaso não seria  
Indiscreto o meu fallar?!  
E fiquei de longe a vel-a  
No seu triste meditar.

Té que em fim da noite o veu  
Nas dobras tudo envolveu!

Depois... depois foi nas sallas  
Onde a tornei inda a ver;  
Bella qual Venus de Milo  
Mas parecendo inda soffrer.  
Tinha ainda a mesma tristura  
No rosto impressa, e as gallas  
Que o alvo colo cingiam  
Em vez d'enchel-a de brilho  
E d'augmentar-lh'a beldado  
Do triste rosto, pareciam

Que do fulgor desmereciam!  
 Que as dominava a saudade,  
 Que as dominava o desgosto  
 Predominante em seu rosto!

Havia alli outra dama  
 Que lhe sabia o segredo,  
 E outr'ora soubera a chamma  
 Que lhe crestára o olhar;  
 Sabia, que ao ver-me a triste  
 Mudamente contemplar  
 Perguntou-me s'intentava  
 A legenda da donzella  
 N'uma estaphe poetisar.

—Vê esta rubra camelia?  
 Me perguntou, e mostrava  
 Uma que tinha na mão;  
 Foi junto d'outra nascida,  
 Viveu com ella egual vida;  
 Porém quando as separaram  
 A casta irmã lhe mataram,  
 Que por ver-se abandonada  
 Com a fronte já pendida,  
 Folha por folha soltando  
 Foi-se finando... finando...  
 Té que a final pereceu!  
 Enquanto esta vae gosando  
 Do virente brilho seu,  
 E amanhã... fim semelhante  
 Terá da sorte mofina!  
 Assim a virgem se fina  
 Por quem d'ella s'esqueceu;  
 Conta apenas vinte annos,  
 E já conhece os arcanos  
 Da ventura e da traição!  
 Da ventura, que foi sonho,  
 Da traição que a assassinou!—

Olhei p'ra ella, e mais triste  
 Me pareceu seu rosto via;  
 Que a loisa aberta se lia  
 Na morbidez d'esse olhar,  
 No desbotado das faces  
 Que o sentir incendiou!

Tornei depois a encontral-a  
 Mais triste se póde ser!  
 Já desfeita e gentil galla  
 Que tem na aurora o viver!  
 Aquella rosa ainda em maio  
 Do existir, semelhava  
 Sentir que o frio de dezembro  
 Lhe tranzia cada membro,  
 E em um feito se collava!  
 E sempre triste! tão triste...

Tão triste, que a fronte bella  
 Dava lembranças d'um céu  
 Mascarado p'la procella  
 Que longe espalha o tufão!  
 E era bem grande a tormenta  
 Que lhe ia no coração!

Depois, no valle onde a viva  
 Em vão, em vão a busquei!  
 Em vão buscava n'um rosto  
 Aquelle impresso signal  
 Com que marca do desgosto  
 O tremendo vendaval,  
 As faces em que roçou!  
 Sube depois que mais tarde  
 Tinha desprendido o vôo!  
 Gorgear fóra nos prados  
 Onde os astros flores são,  
 Jarra aondê se conservam  
 As flores do coração!

Tão triste, tão triste a vira  
 Que a não pude desterrar  
 Das minhas recordações! -  
 E eu no valle ou nos sallões,  
 Como n'um saudoso sonho,  
 Eu penso vel-a passar  
 Com aquelle olhar tristonho  
 De dolorida expressão,  
 De quem sente ir-se-lhe a vida  
 Co'a rapidez do tufão!  
 E digo: «Pobre camelia  
 Que no tronco embellecida  
 Sonhas fulgir e reinar!  
 Não deixes os teus tronquinhos  
 Pobres sim, mas sem espinhos!  
 Que ao fim do tau sonhar,  
 Terás amargo soffrer! . . .  
 E mais vale não gosar  
 Que ter goso p'ro perder!

Septembro de 1866.

REYNALDO D'ASSIS.

# AS ILHAS DOS AÇORES

EM RELAÇÃO À SUA MARINHA MERCANTE,  
E TAMBEM AO PROJECTO DA DOKA EM CONSTRUÇÃO  
NA ILHA DE S. MIGUEL

**PELO CAPITÃO E. MOREL**

SEGUNDA PARTE

(Continuado do segundo numero)

ANNO DE 1863

*Ilha de S. Miguel* <sup>1</sup>

Esta ilha, com a de Santa Maria, que lhe fica ao sul, forma o grupo S.—E. do archipelago dos Açores. Os abalos de terra e as consideraveis erupções vulcanicas tem revolvido todo o terreno d'esta, comquanto a maior de todas.

Da parte de leste offerece grandes elevações, e em toda a extensão de leste ao oeste avista-se grande numero de montes, cujo declive é rapido, principalmente do lado do sul.

A sua fôrma é a de uma meia lua, com as pontas redondas, e a cavidade fronteira ao norte. Entre as duas pontas Marqueza e Ferraria ha uma distancia de 35 milhas, a das pontas Morro Grande e Galera mede 9 milhas na sua maior extensão, e do norte ao sul conta sómente 4.

<sup>1</sup> Extraímos esta discripção geographica de um trabalho muito notavel, cuja exactidão pessoalmente pudemos apreciar. *Discripção nautica dos Açores*, por M. Charles Philippe de Kerhallet, capitão de navios. Paris, 1858, imprensa administrativa de Paulo Dupont.

Segundo as narrações dos primeiros viajantes, era a ilha de S. Miguel, na sua origem, uma planicie coberta de bellas arvores e de uma rica vegetação. Hoje está toda revolvida e não se encontra já uma só montanha primitiva, mas antes o resultado de convulsões subterraneas. Todas as alturas d'esta ilha tem este caracter bem talhado em razão da sua fórma conica, das cavidades que existem nos seus cumes, e mesmo pelas accumulações de lavas, escorias e areias vulcanicas que ahi se encontram.

O que mais nos leva a acreditar isto são as fontes de agua quente que existem principalmente no valle das Furnas. Póde-se julgar igualmente que as lagoas das Furnas, de Fogo e da Caldeira das sete cidades situadas nos cumes da ilha, na parte do sul, do centro e do oeste, são antigas crateras de vulcões extinctos, cuja profundidade foi invadida pelas aguas. Parece finalmente que a estructura e a configuração dão logar a que as aguas passem para cavernas vulcanicas, d'onde são expellidas por abalos de terra ou erupções. Muitos casos semelhantes estão marcados na historia geologica d'esta ilha e grandes estragos tem causado.

As altas montanhas que occupam o centro da ilha de S. Miguel pódem dividir-se em cinco grupos principaes.

Compõe-se o primeiro da montanha mais alta situada ao leste da ilha que é o pico da Vara (1,089 metros). D'este pico partem dois ramos para o sul da ilha e se separam no pico do Passo (927 metros). O ramo do este contem o pico de Bartholomeu (892 metros) e o do Nunes que fica perto da praia (677 metros).

Este primeiro grupo de montanhas é separado do das Furnas, situado ao occidente pelo valle de Povoação e por um plaino elevado cuja superficie é dominada pelo pico do Monteiro e de Sargulho (509 metros) sobre a costa do sul da ilha. A cordilheira das Furnas, cujo pico mais alto está situado do lado do norte, e se denomina Gafanhoto (715 metros) apresenta do lado do sul, uma descida pouco inclinada que domina o valle das Furnas, na extremidade da qual se acha a povoação do mesmo valle, e na parte do sul

apparece o pico do Gaspar, cujo cume foi destruido por erupções vulcanicas. A leste d'esta montanha e ao sul do pico do Ferro; no lado occidental do valle vê-se o lago das Furnas, cuja profundidade varia de 15 a 180 metros.

As descidas d'estas duas primeiras cordilheiras dirigem-se ao mar, do lado do norte por um declive regular, mas muito mais suave do que o do lado do sul.

Uma planicie assás consideravel, onde estão dispersos um grande numero de cabeços de fórma conica, dos quaes o principal é o dos Cedros (683 metros) e na parte do occidente encontra-se o lago do Congro, que separa as Furnas da cordilheira central da ilha chamada Serra de Agua de Pau, que fica situada ao oriente da precedente. A parte mais alta d'estas montanhas apresenta uma escavação d'onde se vê o lago do Fogo, cuja profundidade é de 27 metros. A maior altura d'estas montanhas é de 936 metros; do norte desce em declive doce até á villa da Ribeira Grande, edificada perto da margem de S. Miguel, do lado do norte, e em declives de pequena inclinação pela Villa Franca e villa de Agua do Pau edificadas na costa meridional da ilha.

A parte menos elevada da ilha de S. Miguel é formada pelo quarto grupo, do qual a montanha mais alta é a Gorda (479 metros). N'este grupo nota-se tambem no centro o pico da Pedra (381 metros) e o de Fogo (312) apresentam vestigios de erupções vulcanicas.

O quinto grupo é o de oeste chamado a Caldeira das sete cidades, e um boqueirão unido ao cume, comprehendendo um espaço circular de 1 milha e  $\frac{1}{3}$  de raio na parte superior e de 1 milha de raio na parte inferior. O pico mais alto situado ao sudoeste d'este recinto, é o pico da Cruz (847 metros) perto do qual se apresenta uma grande brecha em roda do boqueirão.

O fundo da Caldeira das sete cidades é uma planicie onde se encontram muitas crateras já extinctas. Quatro lagos, dois dos quaes são consideraveis e uma pequena aldeia occupam o fundo que tem uma elevação de 264 metros acima do nivel do mar. Muitos outros lagos existem no

cume do plaino que se estende desde a caldeira no sudoeste até o pico do Carvão (803 metros).

A ilha de S. Miguel é a mais notavel das dos Açores pela sua população, extensão e productos.

O terreno é extremamente fertil: produz laranjas, trigo, milho, feijão, favas, batata doce, fructos e legumes em grande quantidade. Vêm se rebanhos de bois, carneiros, porcos, aves, etc.

A colheita do vinho só dá para o consumo dos habitantes. O mesmo não acontece com o linho, que é preparado na Ilha, e que fórma um ramo consideravel de commercio.

Encontram-se manufacturas de roupa branca e estofos de lã ordinaria.

Tem muita abundancia d'agua e madeira. A cidade de Ponta Delgada é a que offerece mais recursos.

O clima ali é temperado como em quasi todas as outras Ilhas do archipelago. As mudanças de temperatura do verão ao inverno são mui pouco notaveis e não interromper totalmente os trabalhos da agricultura.

A cidade de Ponta Delgada contém 20:000 habitantes, e acha-se edificada á borda do mar n'uma praia baixa, guarnecida por toda a parte de rochedos, deixando nos seus intervallos pequenas enseadas, uma das quaes, situada na parte central da cidade e em frente da alfandega, fórma um pequeno porto. A oeste, na ponta Delgada, distingue se a egreja de Santa Clara; e a leste da cidade uma torre. Na mesma parte e no interior da cidade, sobre um pequeno outeiro, descobre-se o alto da Mãe de Deos.

Esta ilha encerra ainda um grande numero de conventos, egrejas e um collegio. E' defendida por baterias e fortes por toda a superficie fronteira ao mar. Está muito bem edificada e occupa uma pequena planicie cujos outeiros se elevam em declive doce e a rodeiam por todos os lados.

A cidadella ou forte de S. Braz é a sua principal defesa: eleva-se mesmo á beira do mar, ao oeste da cidade.

Não ha a menor difficuldade em demandar o porto de Ponta Delgada, o melhor porto, por isso que tem de se

largar as vélas a todo o vento,—condição essencial n'este porto franco,—é á distancia de uma milha da cidade pouco mais ou menos, aos 77 metros de profundidade, avistando a Ponta Delgada ao N. 66° O; o castello ao N. 46° O; a antiga fortaleza de O. ao N. 5° E. Comtudo pode-se aportar mais perto da cidade por 30, 25, e 22 metros de fundo, no meridiano da ponta de S. Pedro, na distancia de  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{3}$  e  $\frac{1}{4}$  de milha d'esta ponta. Não se devem tomar estes ultimos ancoradouros senão em bom tempo.

No caso que os ventos de S. obrigassem a deixar a bahia. é conveniente seguir a parte d'Oeste da Ilha para esperar no mar largo uma brisa de N. O. Esta acontece ordinariamente com o vento de SO. e conduz ao porto sem risco, em quanto que se se tomasse o bordo do S. E. deixando o porto, gastava-se muito mais tempo para o tornar a ganhar.

Encontram-se muitas vezes correntes para o S.—E. que contribuiriam ainda mais o demorar a volta, pelo que alguns navios tem gasto mais de dez dias.

Os signaes que se fazem no mastro do pavilhão do cáes da alfandega são os seguintes:

1.º Pavilhão encarnado. Os navios ancorados devem immediatamente levantar ferro por causa do tempo.

2.º Pavilhão branco. Os navios que se acharem fóra da barra podem entrar sem receio.

3.º Pavilhão encarnado com uma cercadura branca. Os navios não devem desembarcar a carga, por que isso offerece perigo.

Collocaram-se ha pouco no cáes de Ponta Delgada cinco barcos salva-vidas que deminuiram consideravelmente os riscos dos navios obrigados de repente a largar o ferro e amarras, abandonando a barra.

O commercio de importação faz-se pela Inglaterra e America que enviam seus navios para Ponta Delgada.

Pode-se, dizer que S. Miguel é a unica ilha commerciante, por que só para laranja, vem por anno perto de 200 navios a Ponta Delgada, e são navios de 100 a 150 toneladas e todos d'uma carreira rapida; infelizmente po-

rém, não ha um unico abrigo n'esta costa, de sorte que os navios devem estar sempre aparelhados para em caso de perigo largarem ferro, e abandonarem o porto.

A epocha do embarque da laranja dura desde novembro até abril, isto durante o peor tempo, e por isso a navegação é extremamente difficil.

Commovidos dos perigos por que passam os navios que vão carregar á sua ilha, os habitantes de S. Miguel decidiram-se finalmente a construir uma doka á sua custa, pensando com justa rasão que um sacrificio momentaneo da sua parte seria largamente recompensado em poucos annos por um augmento no seu commercio maritimo, atrahindo não só os navios inglezes que ali võem d'ordinario, mas tambem os das outras nações que têm productos a vender-lhe; porém até hoje ainda não acabaram um porto onde os navios pudessem estar sem perigo algum.

O governo portuguez que sempre trabalha para beneficiar as suas ilhas adjacentes, acaba de auxiliar com quanto lhe cabe no possivel os habitantes de S. Miguel, afim de facilitar a execução d'esta obra importantissima.

Já ha um anno que começaram os trabalhos emprehendidos por uma companhia ingleza, e espera-se que em tres annos esteja concluida; pelo menos tudo nos leva a acreditar que em 1864 já será possivel abrigar alguns navios, principalmente os que estiveram com avarias ou precisarem reparos.

Não se deve julgar que o commercio da laranja entre os Açores e a Inglaterra seja insignificante; por que só a exportação de S. Miguel em 1861 e 1862, foi de 192:400 caixas, a 20 por tonelada, isto é, cêrea de 10:000 toneladas: e porque rasão os francezes deixarão, como unicos senhores d'este mercado, os inglezes? Parece-nos que os armadores poderiam muito utilmente empregar alguns dos seus navios com transporte d'este genero, que em França é tão apreciavel como na Inglaterra. e isso daria para elles uma outra vantagem, ainda mais importante, qual era o permittir-lhes enviar directamente pelos seus navios os productos que lhes pedimos e que muito apreciados são

pelos açorianos, mas que lhes não chegam senão por intermedio dos inglezes, ou por Lisboa, o que, naturalmente augmenta muito o preço.

Comtudo, para que isto nos fosse proveitoso era urgentissimo que o governo francez que toma tanto a peito os interesses do commercio, da marinha, e de tudo finalmente que augmenta a riqueza do paiz, diminuisse os direitos d'entrada nas laranjas em França: d'esta sorte somente poderia entrar com vantagem n'esse mercado, que até agora, tem estado nas mãos dos seus rivaes d'além do cabo.

E' verdade que já o governo parece disposto a seguir este caminho, pois que já deu ordem aos seus agentes para lhe serem remettidos os documentos necessarios para a averiguação d'este negocio.

As duas cartas seguintes, que reproduzimos, provam a sollicitude do governo francez a este respeito: ellas foram dirigidas pelo nosso agente consular de S. Miguel ao consul geral de França em Lisboa; depois da sua leitura, se comprehenderá melhor o estado da questão e ver-se-ha que os interesses commerciaes d'este paiz não estão esquecidos.

E' necessario advertir primeiro que o consul francez em S. Miguel, ao favor do qual devemos a communicação d'estas cartas, é natural dos Açores e descendente d'uma das principaes familias d'este paiz.

(Continúa).

Traducção de—G. S. PEREIRA.

## O BEIJO

O beijo pôde considerar-se de tres maneiras diversas, indicando actos de respeito, de submissão ou de amor, e dá-se, applicando os labios ás pessoas ou coisas que se prezam e veneram.

Os latinos tinham vocabulos exclusivos para differenciar cada uma d'estas manifestações chamavam *osculum* ao beijo puramente da amisade, *basium* ao que se dava honestamente, o *suavium* ao beijo filho do amor.

Juan de las Casas, n'um artigo que se refere ao beijo, lastima aquellas pessoas, que tendo nariz muito grande só com muita difficuldade se podem aproximar, e pela mesma razão aconselha ás damas dotadas de grande nariz, que procurem amantes que os tenham pequenos para obviar este inconveniente.

O author do *Livro da amisade*, comprehendido nas *Obras de Santo Agostinho*, distingue quatro especies de beijos; chama ao primeiro *beijo de reconciliação*, que se dava entre os inimigos congraçados; ao segundo de *paz* usado mutuamente entre os christãos no templo e por occasião da communhão, o terceiro de *amor* dado entre aquelles que se

amam, e que não tem, diz, outro meio de mostrar a sua estima, e o quarto o da *fé* usado entre os catholicos, principalmente na occasião de exercerem a virtude da hospitalidade.

Emquanto ao beijo da paz, que podia igualmente applicar-se nas circumstancias que acabamos de enumerar, parece que fôra introduzido entre os christãos logo na origem da egreja, como symbolo de concordia e de mutua caridade. S. Pedro e S. Paulo terminavam as suas epistolas dizendo aos fieis: Saudamos a um e outros com o santo osculo.

S. Justino na sua segunda *Apologia*, Tertuliano, S. Cyrillo de Jerusalem e os Santos Padres dos seguintes seculos fallam tambem do beijo que é igualmente mencionado no concilio de Laodicea, nas *Constituições apostolicas*, e em todas as antigas lithurgias.

Os pagãos, diz mr. Bergier, tomaram d'aqui um pretexto para calumniar os christãos, e tiveram como criminoso este signal de fraternidade. Indubitavelmente é a esta accusação que responde Santo Ambrosio, quando diz que o beijo é um signal de amisade, e um precioso mimo da caridade, porque é um sacrilegio abusar d'esta demonstração, e o certo é que o beijo foi cahindo em desuso entre os christãos desde que estes perderam aquella franqueza e simplicidade que os distinguia nos primeiros seculos.

O beijo era uma maneira de cumprimentar muito usual em toda a antiguidade. Plutarco diz que os conjurados antes de perpetrarem a morte de Cesar o beijaram no rosto, nas mãos e no peito. Tacito diz que quando seu sogro Agricola voltou a Roma, Domiciano o recebera com um beijo frio, que nada lhe disse e o deixára confundido entre a multidão.

Lê-se tambem na Escriptura (L.º 2.º dos Reis; cap. 2.º v. 9 e 10) que Job, um dos capitães de David, tendo ciu-me de outro capitão chamado Amasa, se lhe aproximára e lhe dissera: «Bons dias, irmão, e com uma das mãos pegára na barba de Amasa para lha beijar, e com a outra arrancou-lhe a espada, assassinou-o com tão horrivel golpe

que lhe cortou as entranhas. Sabe-se que os beijos de Job ficaram tão proverbias como os de Judas.

Este signal era igualmente empregado na adoração dos Deuses. Job na sua historia (Cap. 31) a mais antiga talvez dos nossos livros conhecidos, diz «Que não adorára o Sol e a Lua como os outros arabes, que não levára a sua mão á bocca olhando para os outros.» Os antigos convertiam o beijo n'uma idéa symbolica e sagrada, pois que beijavam as estatuas dos deuses e a sua barba, quando as esculturas eram ali figuradas com ella.

Tambem se sabe que os *iniciados* se beijavam-nos mysterios de Ceres em signal de concordia, e d'aqui é que passou este costume aos christãos.

Em Roma era uso ainda no tempo de Plutarco que as mulheres cumprimentassem os seus parentes e pessoas de amisade, beijando-as na bocca, e dizia-se que este uso se estabelecera para evitar que as senhoras romanas se entregassem ao uso do vinho.

Em França, Inglaterra e Allemanha houve o mesmo uso: os cardeaes tinham o direito de beijar os seus amigos na bocca o que parece chegou a usar-se tambem na Hespanha.

Hoje, o beijo na bocca não se usa senão entre os parentes e amigos, mas ha paizes aonde este beijo foi substituido por um aperto de mão e este ultimo cumprimento que se considera geralmente como um obsequio em França, é um acto obrigatorio de politica na Russia, aonde nunca se fallava a uma senhora sem que se lhe pegue na mão para a beijar; e a senhora para reconhecer este acto de delicadeza inclina-se e da-lhe um beijo na face, o que as mais das vezes é uma apparencia.

No mesmo paiz, n'uma época fixa, por exemplo pela Pasqua não se póde recusar um beijo na pessoa que se aproxima a outra, dizendo *Christos woskress*, que se traduz — *Jesus-Christo ressuscitou*, e a que se responde: *no intinoc woskress*; isto é, *ressuscitou effectivamente*; mas este costume que n'outro tempo abrangia até aos estrangeiros, não se usa hoje se não entre os conhecidos.

Pelo que respeita ao beijamão é na Russia uma verdadeira etiqueta muito rigorosa e em certas occasiões bem penosa, mais ainda para quem recebe o cumprimento do que para quem o faz.

Em dias de annos, por exemplo, todos os princepes e princezas são obrigados a dar a mão a beijar a todos os officiaes da ordem civil e militar, que vêem successivamente depositar ali a sua homenagem, e algumas vezes succede ser interrompido o acto a fim dos princepes descançarem.

E' tambem uma cerimonia muito antiga na persia o beijo nos pés, acto a que se dá o nome de *palas*, e que foi instituido diz Herbelto na sua bibliotheca, por Caioumarat, seu primeiro rei, não só como signal de respeito dos subditos para com o seu princepe, mas tambem da fé e lealdade que lhe guardavam os princepes vassallos.

As pessoas de baixa condição não são admittidas a beijar o pé do soberano, mas beijam a terra na presença dos seus princepes, chamando-se a este acto *Zenimbuouz*.

O costume de beijar os parentes e os amigos foi introduzido nas Hespanhas pelas Arabes.

O príncipe da paz, nasceu em 1787, e foi  
 o filho de Carlos IV e da rainha de Hespanha  
 e em pouco tempo tornou-se um dos príncipes  
 mais admirados da Europa, e mais estimado  
 da França de então, príncipe da Paz, grande  
 generalissimo, grande almirante, e mais  
 a ser monarca, e depois de sua abdicação  
 fôo do imperador Napoleão, e fôo rei dos  
 Algarves em Portugal.

## O PRINCIPE DA PAZ

Não ha muitos annos ainda que um velho baixinho e gordo frequentava diariamente o Palais Royal. O seu olhar era modesto, surria-se com naturalidade, e vestia muito simplesmente. Atirava boccados de pão aos pardaes, brincava com as creanças e conversava com as raparigas e com os soldados. Ao meio dia ia ver disparar as peças de artilheria. Tal era a sua ultima distracção neste mundo; o todos julgariam ao vel-o ser um pobre diabo que vivia dos juros de algum capital adquirido no pequeno commercio.

Pois esse velho baixinho, gordo e corcovado, foi no seu tempo uma das maiores notabilidade do mundo. Teve o seu peito ornado com as grã-cruzes de todos paizes, incluindo mesmo a do Tosão de Oiro.

O tal passeante, que comia pão secco, governou uma rainha, um rei, e um imperio, gosou riquezas sem conto, e teve os titulos que passamos a enumerar. Brilhava-lhe no dedo o anel de esponsaes com uma infanta da Hespanha, princeza da familia de Bourbon. Em summa era o senhor D.



Manuel Godoy, que, nascendo pobre em 1767, sentou praça na guarda de Carlos IV e da rainha de Hespanha. Em pouco tempo tornou-se amigo intimo do monarcha e seu conselheiro, e mais adiante senhor do reino, primeiro ministro, duque de Alcudia, Principe da Paz, grande de Hespanha, generalissimo, grande almirante, e mais soberano que o sen monarcha, esposo de sua sobrinha Maria Thereza, aliado do imperador Napoleão, e futuro rei dos Algarves em Portugal.

Mais tarde perseguido pelo povo que o elevára, prisioneiro da côrte que havia dominado, arrastado pelas ruas de Madrid, vingado pela abdição de Carlos IV, redigida por seu proprio punho, residia a final em Paris, vivendo de uma pensão alimenticia que lhe dava o governo francez, e habitava no 2.º andar de uma pequena casa na rua de Michandiere, aonde morreu com 84 annos de idade.

## AS CONSERVATORIAS E O CREDITO PREDIAL

Vamos hoje dirigir ao sr. ministro da justiça uma accusação grave relativamente ao descurado assumpto da installação das conservatorias, e, portanto, ao escarneo que s. ex.<sup>a</sup> tem manifestado pelo desenvolvimento do credito predial entre nós.

Custa a crer tanta inercia e tão injustificavel desleixo em um conselheiro da corôa, no verdor dos annos, e n'uma época da vida em que esta se deve mostrar em toda a força do seu vigor, e em toda a grandeza de uma iniciativa fecunda e proficua.

Existe ahi ha mais de tres annos uma lei hypothecaria e o respectivo regulamento: vae em dois annos que foram nomeados os respectivos empregados encarregados das arduas funcções do registro predial, e durante este longo periodo, nem se installaram as conservatorias, nem o banco Hypothecario tem podido funcçãonar com regularidade e segurança. Em 29 de setembro do anno passado publicou o actual ministro da justiça uma portaria, em que ordenava, que fossem impressos os livros das conservatorias com

toda a brevidade, afim de que estas se podessem instalar.

Passam-se tres mezes depois da publicação d'esta portaria, e em janeiro, no dia da abertura das côrtes, disse o sr. ministro, no discurso da corôa, as seguintes palavras: — «estão *felizmente removidas todas as difficuldades que se oppunham á installação das conservatorias, e, por conseguinte, á execução da lei hypothecaria.*»

Estamos no mez de outubro, e nem temos conservatorias, nem mesmo se pôde saber quando se executará essa reforma do credito predial.

Vê-se pois claramente que tendo em setembro do anno passado cessado todas as difficuldades que se oppunham á execução da lei hypothecaria, difficuldades, que, como todos sabem, consistiam na questão da preferencia que deveria dar-se ou ao actual systema hypothecario, ou áquelle que apparece no projecto do codigo civil, o sr. ministro, no referido mez, já tinha *resolvido* esta grande questão (questão grande em paiz de myopes) e tanto isto é verdade, que pela infeliz portaria que acima citamos, s. ex.<sup>a</sup> tinha mandado imprimir os livros das conservatorias em harmonia com o systema da lei hypothecaria e seu respectivo regulamento. Apesar, porém, de tudo isto, tem-se dormido profundamente sobre o caso, e estamos no mesmo estado de expectativa.

Ha tres mezes publicou o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, um artigo notavel sobre este assumpto, em que se condemnava o desleixo e a incuria incrível do ministro. Este artigo teve a força de acordar s. ex.<sup>a</sup> do seu profundo dormir, pois nos consta que por essa occasião mandára elle perguntar á imprensa nacional se já estava impresso o papel dos livros, que para lá tinha sido remettido havia nove mezes (!) Mandou-se dizer ao sr. Barjona que os livros já estavam impressos! O ministro acreditou e publicou uma portaria mandando que se abrisse um concurso de 30 dias (30 dias!) afim de apparecerem artistas, que se encarregassem da encadernação dos ditos livros. Acabou praso do concurso, e como durante esse praso o ministro

tivesse o tempo necessario para de novo adormecer, as propostas que appareceram permaneceram fechadas por mais de vinte dias! e fechadas se conservariam ainda hoje, se não houvesse alguém na secretaria que se compadecesse das infelizes lembrando-as ao desmemoriado ministro. Foram pois abertas as propostas, e tratando-se da adjudicação da encadernação dos livros, foram ellas adjudicadas ao encadernador da capital o sr. Lisboa; soube-se porém n'essa occasião que a imprensa nacional não tinha terminado a impressão dos livros!! O ministro ficou de boca aberta a olhar para esta irrisão da imprensa nacional; e vendo-se assim ludibriado com a primeira resposta, que lhe enviaram, só conheceu pela segunda que a imprensa nacional não tomara a serio o ministro dos justiça. S. ex.<sup>a</sup> encolheu os hombros e concordou-se com o encadernador que apromptasse as livros das conservatorias, dentro do praso de três mezes, começando a correr este praso desde que lhe fossem entregues pela imprensa nacional as ultimas folhas impressas!!

Veja pois o paiz o que tem feito o sr. ministro da justiça no importante assumpto das conservatorias desde o mez de setembro do anno do Senhor de 1865!

O ministro queixa-se da imprensa nacional por lhe não executar a ordens com brevidade, e a imprensa affirma que o ministro não mostra empenho algum na prompta solução do negocio.

Se o joven ministro dá ordens e não tem a força necessaria para as fazer executar, para que está a perder tempo na elevada posição que occupa?

Que figura fica fazendo depois d'isto?

Se as ordens não são executadas porque s. ex.<sup>a</sup> as não transmite, ou não as quer dar, para que está illudindo o paiz com um zelo que não é serio, e para que illude a nação com portarias, e com promessas phantasticas no discurso da corôa, cuja seriedade s. ex.<sup>a</sup> devia ser o primeiro a respeitar?

Pois um anno que decorreu depois de sua infeliz portaria de 29 de setembro de 1865, não era tempo mais que

suficiente para a impressão e encadernação dos livros das conservatorias?

A prova de que era, e que, para vergonha de s. ex.<sup>a</sup>, durante este espaço de tempo procedeu-se no ministerio da marinha e ultramar á redacção da lei especial para a installação das conservatorias nas nossas possessões ultramarinas, nomearam-se os empregados, imprimiram-se e encadernaram-se os livros, e acha-se a lei em execução no ultramar, emquanto que no continente sabe Deus quando isso será. Isto é incrível e altamente escandaloso!!

Que maior prova pôde o sr. Barjona de Freitas dar da sua incompetencia para o desempenho das altas funcções de que foi encarregado? Que contas hade dar s. ex.<sup>a</sup> em janeiro ás camaras, quando lhe perguntarem pela installação das conservatorias, e lhe recordarem as fataes palavras que s. ex.<sup>a</sup> ostentou no discurso da corôa da sessão passada?

Consta-nos que o sr. ministro diz, que *os seus antecessores tambem não olharam com attenção para este negocio*. Será com estas palavras que s. ex.<sup>a</sup> responderá ao parlamento?

Mas para que foi a fusão? para que subiu ella ao poder? Para imitar os desleixos dos outros ou para trabalhar no interesse da patria, que a saudou com enthusiasmo por ver n'ella a confraternidade dos partidos em que se achava dividida, e na doce esperanza de que ella inauguraria o começo de uma epocha fecunda de iniciativa e desenvolvimento moral e material.

Para que foi que o sr. Barjona de Freitas accitou a pasta da justiça, para resolver os assumptos de utilidade publica que d'elle estão dependentes ou para dormir o fatal somno da indolencia, com grave prejuizo do paiz, que espera com anciedade os beneficios a que tem incontestavel direito, por isso que os compra á custa de enormes sacrificios?

Não sabe s. ex.<sup>a</sup> que o seu inqualificavel desleixo, com relação á installação das conservatorias, prejudica sensivelmente o paiz?

O assumpto das conservatorias e do credito predial é uma pagina negra na vida publica do sr. Barjona.

Um anno inteiro para a impressão dos livros das conservatorias!

Irrisão incomparavel!

Se o sr. Barjona não póde trabalhar, se é nimiamente frouxo para sustentar o peso das altas funcções de que se acha encarregado, n'esse caso deixe o illustre ministro o seu logar, para que lhe succeda um homem trabalhador e de fecunda iniciativa, que possa dotar o paiz com a realidade do credito predial.

E' tempo de acabar com esta farça ridicula relativa ás conservatorias, e em que o sr. Barjona tem representado tão triste papel.

Promettemos em breve voltar ao assumpto.

(*Jornal do Porto*)

X.

## REVISTA GERAL

Continúa a mesma situação politica do paiz. Não ha novidades que prendam a attenção, e na folha official raras vezes se encontra outra coisa que não seja a concessão de graças ou mercês honorificas, relação de empregados nomeados por este ou por aquelle ministerio, licenças sobre licenças aos magistrados judiciaes para se ausentarem dos seus logares com grave prejuizo do serviço publico, e os importantissimos accordãos do tribunal de contas que tem a grande vantagem de não serem lidos senão pelos interessados!

Todavia n'um ou n'outro n.º lá se encontra algum decreto ou portaria que chama particularmente a attenção do publico, e que dá occasião ás observações da imprensa periodica. N'este caso está o decreto que rescindiu o contracto com a empreza de navegação a vapor para os portos de Africa, Açores e Algarve; e sobre o qual emittiremos tambem algumas reflexões.

Aquelle decreto vem confirmar e justificar quanto em tempo dissemos n'outros jornaes sobre a iniquidade com

que um ministro da coroa anniquilou a mais patriótica e vantajosa empreza que jámais houve n'este paiz—a União Mercantil; mas o passado, passado; e vamos ao que nos importa.

Rescindido o contracto parece que o governo contractou com a mesma companhia a não interrupção das viagens, não sabemos em que termos; mas é isto o que se deprehende dos annuncios que vimos publicados em varias folhas diarias d'esta capital.

Estimámos a rescisão, e folgámos com a providencia da continuação das viagens; porque da rescisão d'este contracto póde e deve provir outro mais vantajoso para o paiz em que se estremem as carreiras; isto é, desligar completamente as linhas dos Açores e Algarve, da navegação de Africa. Assim todas as carreiras seriam feitas com mais regularidade, dariam mais garantias ao paiz, e haveria maior desenvolvimento commercial.

Oxalá que os poderes publicos se compenetrem da conveniencia d'esta idéa, que já não é nova, e que a navegação para Africa seja isolada de todos e quaesquer outros compromissos.

—O sr. ministro das justiças está dando occasião a graves clamores dos povos açorianos com a facilidade da concessão das licenças aos juizes despachados para so Açores. Na verdade, aquellas ilhas em optimas condições de salubridadê, e aonde se gosam todas as commodidades necessarias á vida parece que são consideradas como um paiz trinta vezes mais pestilencial que as nossas colonias de Africa, pelos magistrados judiciaes. A comarca de Angra do Heroismo está sem juiz de direito ha mais de um anno, e outras no archipelago estão no mesmo caso com mais ou menos differença de tempo. Parece que o sr. Barjona pretende muito sériamente extinguir a Relação dos Açores. Assim o diz o *Nacional* do Porto! O sr. ministro faz mal. —Extincta a Relação dos Açores, e sem juizes algumas das comarcas do Archipelago; os habitantes das ilhas amaldiçoariam quem assim os privasse da administração da justiça, base principal da ventura dos povos.

—Publicamos hoje um artigo transcripto do *Jornal do Porto*, dirigido ao senhor ministro da justiça por causa da demora que tem havido na installação das conservatorias, e tão justas e acertadas são as reflexões que alli se fazem que foi transcripto no *Jornal do Commercio*, e nós, com a devida venia, tambem o adoptamos.

Sem as conservatorias não póde a companhia geral de credito predial portuguez funcionar desaffrontada, auxiliando os proprietarios e agricultores como é de seu interesse; e do paiz, unico fim da sua creação.

Esta companhia não tem tido a direcção mais conveniente, sentimos dizel-o, precisa que por actos de justiça, faça desaparecer todas as presumpções de um grave pleito e que sem detenção venha a um accordo sobre as despesas de primeira fundação, accordo a que não tem duvida vir os interessados; e que providencie para a melhor organização da secretaria, e prestesa nas suas resoluções sobre propostas de empréstimos.

Para que são necessarios cinco relatorios para cada uma proposta?

Entra uma proposta na secretaria, e ahi vem logo o relatorio do funcionario encarregado de a receber—vae para o tabellião, e ahi temos novo relatorio—passa para o advogado, outro — vae depois a um relator membro do conselho que faz tambem o seu relatorio; e ainda depois d'esse relatorio ha um outro feito na secretaria, como extracto de todos os relatorios! Não haverá aqui relatorios de mais?

Persuadimo-nos que sim, e que bastariam dois, o da secretaria e o do advogado, para o conselho deliberar com bastante conhecimento de causa.

Sabemos que ámanhã, 13, ha uma sessão extraordinaria do conselho de administração unicamente para melhor organização da secretaria e regulamentos necessarios. Deos permitta que ahi se tomem providencias para que os empregados fiquem satisfeitos, e para que as propostas para empréstimos não corram de mão em mão, até com o grave risco de se desercaminhar algum documento importante.

As propostas para os empréstimos não devem sahir da

repartição. Ahi é que os advogados e membros de conselho as devem examinar, e assim tudo correria mais rapido, a companhia faria maior numero de operações, a propriedade e a agricultura teriam n'aquelle estabelecimento auxilio efficaz com que augmentar a riqueza do paiz, do que proviria tambem augmento de receita para os cofres publicos.

Cremos que tudo assim se ha de fazer; porque tanto o governador da companhia como os membros do conselho de administração são zelosos, probos e intelligentes; e não concluimos esta parte da nossa revista sem consignar um acto de abnegação e desinteresse do sr. conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, que, funcionando como vice-governador, não quiz receber remuneração de especie alguma, tendo aliás direito a um vencimento de 1:200\$000 réis.

—No campo de instrucção e manobras já está uma força superior a 6:000 homens. Não se falla hoje n'outra coisa, e este ardor guerreiro, junto á circumstancia de se esperarem no Tejo grandes esquadras, faz acreditar na eventualidade de mui serios acontecimento na Peninsula.

—Já está firmado o tratado de paz da Austria com a Italia, devendo aquella potencia receber J'esta a importantissima somma de quarenta e cinco mil contos de réis!

## SUMMARIO

A divindade de Jesus-Christo provada pelos proprios incredulos pag.....	3
Sociedades de Credito pag.....	9
Colonias pag.....	12
Victor Hugo pag.....	18
O Crepusculo da tarde pag.....	21
Extracto do diario de um pobre vigario na parochia de Wiltshire pag.....	22
Sigurd Ring pag.....	29
Tão triste pag.....	33
Ar ilhas dos Açores pag.....	40
O Beijo pag.....	47
O Principe da Paz pag.....	50
As Conservatorias e o Credito Predial pag.....	53
Revista Geral pag.....	58

# EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS

## AVISO

### A PROPRIETARIOS E LAVRADORES

A Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, instituida para libertar a propriedade das garras da usura, e para facilitar a proprietarios e lavradores os precisos meios para melhorarem e beneficiarem os seus predios, tanto rusticos como urbanos, tem feito já varios emprestimos, na importancia de alguns centos de contos de réis, e continúa a realizar todos os dias operações de grandes vantagens para os mutuarios.

Mas, para que se consigam esses emprestimos, torna-se necessario que as propostas venham devidamente instruidas e documentadas conforme as instrucções da mesma Companhia— que os documentos venham todos em ordem a não offerecerem obstaculo algum—que as discripções dos predios sejam claras e conforme as mesmas instrucções—e que finalmente as referidas propostas entrem na Companhia de modo e em ordem a que possam ser resolvidas breve e favoravelmente.

O abaixo assignado, tendo sido empregado por mais de um anno na mesma Companhia, e alli especialmente encar-

regado do movimento e informações das propostas para empréstimos, despediu se do logar que exercia, obtendo os mais honrosos attestados; e propõe-se a organizar todas as propostas de empréstimos, fazendo os necessarios requerimentos para as certidões, a fim que estas sejam passadas conforme se exige nas instrucções; pois que a experiencia tem mostrado, que, muitas vezes, por se não requerer nos devidos termos, tornam-se inuteis aquelles documentos, depois de se terem pago os respectivos emolumentos.

Para se conhecer a vantagem destes empréstimos, basta ver que, com uma quantia inferior a 7 por cento, póde amortisar-se em 60 annos o proprio capital, os juros e a respectiva commissão. Exemplifiquemos.—Pede-se á Companhia, o empréstimo de 100\$000 réis para se amortisar em 60 annos; e o mutuario só fica com o encargo de pagar á Companhia a pequena quantia de 6\$977 réis cada anno, e, ainda para maior suavidade, esta mesma quantia é paga em duas prestações, uma no 1.º d'abril e outra no 1.º de outubro; ficando de mais a mais o mutuario com o direito não só de remir, quando assim lhe convenha, mas ainda de se lhe acceptarem quaesquer quantias por conta.

Se pelo contrario o empréstimo se contrahir com qualquer particular, o mutuario hade satisfazer o juro que convençionar todos os annos, ficando a divida sempre de pé, ou se hão de ir accumulando juros sobre juros, e em pouco tempo perde o mutuario a propriedade hypothecada, por meio de execuções judiciaes.

Quem quizer pois aproveitar-se dos serviços que n'este ramo posso prestar, importantissimos, por modica commissão, queira dirigir-se pessoalmente ao annunciante na rua do Salitre 331; ou por escripto, remetendo dentro das cartas as precisas estampilhas para as respostas.

Tambem póde ser procurado das 10 horas da manhã ás 2 da tarde no seu escriptorio da rua do Ouro 232, 1.º andar.

MARIANNO JOSÉ CABRAL.

O PAQUETE DO TETO

A seguir-se para esta publicação  
proprietário Mariano José Ca  
lho de 331; e na livraria de  
Rua Augusta n.º 77 a 81  
Preço de assinatura em Lisboa 100 réis por  
número, pago no acto da entrega.  
Provincias e ilhas 750 réis por semestre, fran-  
co de porte.  
Atalho 150 réis por número.  
Toda a correspondencia deve vir estampilhada  
e dirigida a M. J. Cabral, rua do Salitre 331 —  
Lisboa.  
Os arts. assignantes das provincias e ilhas de-  
vem apresentar as suas assignaturas em estampilhas  
ou por qualquer modo que lhes seja mais con-  
veniente.

## O PAQUETE DO TEJO

Assigna-se para esta publicação encargo do seu  
proprietario Marianno José Cabral 77 réis ca do Sa-  
litre n.º 331; e na livraria de Carlos José dos Santos Junior,  
rua Augusta n.º 77 a 81.

Preço da assignatura em Lisboa 100 réis por  
numero, pagos no acto da entrega.

Provincias e ilhas 720 réis por semestre, fran-  
co de porte.

Avulso 120 réis por numero.

Toda a correspondencia deve vir estampilhada  
e dirigida a M. J. Cabral, rua do Salitre 331 —  
Lisboa.

Os srs. assignantes das provincias e ilhas pó-  
dem remetter as suas assignaturas em estampilhas,  
ou por qualquer modo que lhes seja mais con-  
veniente.